RIC
Relações Internacionais

ELEIÇÕES AMERICANAS: DONALD TRUMP POR UMA ABORDAGEM FREUDIANA

AMERICAN ELECTIONS: DONALD TRUMP FOR A FREUDIAN APPROACH

THIAGO GODOY GOMES DE OLIVEIRA[1]
Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) - SP
E-mail:thiagogodoy_oliveira@hotmail.com

IGOR ALVES DANTAS DE OLIVEIRA[2]
Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP
E-mail: iaooliveira@faap.br

Resumo: Este artigo possui como principal objetivo delimitar os principais motivos da ascensão de Donald Trump nas eleições norte-americanas, utilizando-se das premissas de Freud como base para a construção de uma linha argumentativa visando aplicar essas premissas, sabendo, entretanto, que Freud nunca procurou utilizá-las desta forma, centrando-se na psicanálise. Também terá como objetivo elucidar como o período internacional atual e futuro será marcado cada vez mais pela ascensão dos movimentos de massa, evidenciando como podem ser perigosos e nocivos em determinados casos. Contudo, elementos factíveis e concretos também serão utilizados como base empírica para comprovar o ponto principal do artigo: de que a justificativa de que o argumento do anseio econômico por parte da população norte-americana é fraco e ineficaz quando visa explicar o apoio crescente a Trump.

Palavras-Chave: Donald Trump, Sigmund Freud, eleições norte-americanas, psicologia das massas.

Abstract: This article has as main objective to delimit the main reasons for the rise of Donald Trump in the American elections, using the premises of Freud as the basis for the construction of an argumentative line to apply these premises, knowing, however, that Freud never sought to use them in this way, focusing on psychoanalysis. It will also aim to elucidate how the current and future international period will be increasingly marked by the rise of mass movements, showing how dangerous and harmful they can be in certain cases. However, feasible and concrete elements will also be used as an empirical basis to prove the main point of the article: that the justification that the argument of the economic yearning by the American population is weak and ineffective when it aims to explain the growing support to Trump.

Keywords: Donald Trump, Sigmund Freud, North American elections, mass psychology.

---

[1]Graduando em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).
[2]Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre pelo mesmo programa, Especialista em Gerenciamento de Cidades pela FAAP, por onde também é Bacharel em Relações Internacionais.

Considerado um dos mais conturbados, polêmicos e imprevisíveis momentos na história norte-americana, as eleições presidenciais de 2016 finalmente possuem seus dois candidatos: de um lado, a democrata nada carismática, Hillary Clinton, e do outro, o republicano Donald Trump, surpreendentemente mais carismático; ainda que de maneira pouco usual. Ultrapassando todas as expectativas e barreiras colocadas no momento em que se declarou um possível candidato republicano, Trump corresponde ao estereótipo do candidato sem nenhum filtro ou dilema moral em seus pronunciamentos. No entanto, o ponto que mais choca os analistas e o público em geral que acompanham o processo eleitoral, corresponde ao crescente apoio que o republicano vem ganhando desde o início de sua entrada na corrida eleitoral, obtendo os votos de indivíduos extremamente escolarizados e com uma renda anual considerável.

Compreender como e porque o antigo "apresentador-celebridade" conseguiu alterar todas as expectativas das eleições norte-americanas, apresenta-se como o maior desafio político e sociológico da atualidade. Todavia, o discurso, o comportamento e a fala do republicano acabam por representar os maiores responsáveis pela admiração cega de diversos eleitores republicanos em relação à figura messiânica do empresário. Sigmund Freud apresenta-se extremamente atual para compreender o fenômeno do "trumpismo" por meio de sua obra "Psicologia das Massas e Análise do Eu", de 1921. Todavia, é necessário deixar claro que o objetivo do artigo se materializa na possibilidade de uma nova aplicação ao estudo de Freud no que diz respeito à formação de massas; uma vez que seus estudos não adentravam no campo dos fenômenos políticos, mas buscavam compreender o funcionamento geral e estrutural de diferentes movimentos de massa, não focando em um fenômeno político.Cabe aqui aplicar as premissas freudianas a um cenário no qual se observa a ascensão de uma massa conservadora na sociedade norte-americana e em outros Estados europeus, visando explicar a ocorrência dos mesmos; portando-se mais como uma releitura dos conceitos e premissas do que uma análise puramente psicanalítica. Tal artigo se dividirá em alguns momentos cruciais: uma breve apresentação da vida e da personalidade do republicano; uma análise de seu eleitorado; o atual momento doméstico e internacional norte-americanona visão de seus potenciais eleitores; a importância do "ressentimento racial", sentida por grande parte do eleitorado

republicano; os elementos utilizados no marketing de sua campanha; o discurso utilizado pelo mesmo; e uma breve conclusão dos fatos abordando a manipulação e as consequências da atuação das massas.

Nascido em 14 de junho de 1946, no Queens, Nova Iorque, Donald John Trump sempre fora energético e assertivo, resultando na escolha de seus pais de lhe enviarem para a Academia Militar de Nova Iorque aos 13 anos de idade, na esperança de que se transformasse em um indivíduo mais disciplinado. Inesperadamente o jovem apresentou excelente desempenho na academia, tornando-se um bom atleta e líder estudantil, se graduando em 1964. Finalmente, em 1968, formou-se em Economia, na WhartonSchoolofFinance, na Universidade da Pensilvânia. Influenciado pelo negócio imobiliário de seu pai, optou por seguir o mesmo caminho ao seu lado, porém com objetivos ainda maiores. Obtendo alguns erros e acertos em transações e desenvolvimentos no mercado imobiliário americano, o bem-sucedido e jovem empresário buscou projetar e promover seu nome em todos os seus negócios, tornando a sigla Trump uma das mais conhecidas por qualquer indivíduo norte-americano. Destarte, um momento que merece grande atenção corresponde ao surgimento de seu programa de televisão, "O Aprendiz" (The Apprentice), sobrepondo a figura do empresário em relação ao nome de sua marca (BIOGRAPHY, 2016).

Observando a trajetória resumida da vida do republicano, pode-se obter a impressão de que seu caminho aparenta ser o mesmo de diversos candidatos à presidência: família com um negócio próprio, dificuldades iniciais, encaminhamento para uma educação boa, descobrimento de um curso universitário, bom desempenho em sua vida profissional e consolidação de uma imagem de respeito da qual qualquer americano consegue alcançar se seguir a mesma trilha. Se há algum resquício de dificuldade em sua trajetória, a mesma se encontra na fantasia psicológica criada por ele do que é de fato uma trajetória de vida conturbada: "Não tem sido fácil para mim. Não tem sido nada fácil para mim. Comecei no Brooklyn. Meu pai me deu um pequeno empréstimo de um milhão de dólares..." (GASS, 2015, n.p.). Em sua residência, na qual passou sua juventude, tinha que dividir uma casa com "mais de vinte e três quartos e cercada de

empregados". A desconstrução de sua trajetória não é o maior dos problemas, mas sim o fato de trabalhadores de classe média e baixa continuarem acreditando no mito de um homem trabalhador que Trump visa transmitir; mesmo depois de o trecho acima ter viralizado durante semanas nos principais veículos de comunicação norte-americanos (GASS, 2015).

A consequência de um candidato político se apresentar como um indivíduo que possui essa trajetória de vida explica-se através de um simples fator: o prestígio. O que diferencia um líder forte de um líder fraco é o prestígio que seus seguidores lhe depositam. Um líder sem prestígio pode ter suas falas, ações e história questionada, já um líder com prestígio jamais será questionado. O comportamento de Trump na corrida presidencial demonstra o elevado prestígio que a massa deposita sobre ele, uma vez que, mesmo proferindo discursos de ódio e contraditórios, o mesmo nunca é desacreditado por aqueles que o apoiam (FREUD, 2013, p. 55-56). A história "árdua" lhe garante um prestígio inicial e uma identificação maior do que uma narrativa apresentada por Hillary, já que o republicano possui uma vantagem a mais: na visão geral do grande público americano, ele construiu um império do zero e obteve ganhos econômicos exorbitantes e será, consequentemente, mais qualificado que Clinton para lidar com uma economia que está em constante desaceleração.

Além do prestígio depositado à sua história de vida, o prestígio as suas características pessoais também desempenham um papel considerável na construção dessa figura de liderança na qual Trump veio a se tornar. Uma análise do comportamento do mesmo acaba por assemelhá-lo às características básicas que todo líder deve possuir: desempenhar seu papel de uma forma exuberante e socialmente dominante, além de transparecer constante energia e agitação, tornando-o inquieto e ativo (MCADAMS, 2016). Outro ponto crucial é a capacidade de se comunicar com seu eleitorado, e o candidato consegue fazê-lo com maestria. Sejam por *tweets* polêmicos ou falas pontuais, a cada manifestação de seus pensamentos o republicano consegue transparecer uma ideia clara, apesar de rasa, que atinge rapidamente e agrada seus eleitores. Mesmo ao realizar uma gafe, o republicano mantém sua posição: continua a aparentar que está

certo, tentando desqualificar ao máximo a outra parte com argumentos ofensivos; transbordando a confiança e o conforto na oratória que garante o desejado prestígio de aspirantes à liderança.

Ao mesmo tempo em que consegue ser simpático com seu público, também consegue ser extremamente controverso com aqueles que não o seguem. Discussões virtuais que envolvem Trump sempre possuem argumentação com um teor machista, misógino, racista e extremista. O motivo pelo qual o candidato nunca perde o apoio de seu eleitorado é simplesmente por ele proferir sentimentos que partem do irracional humano. Não há tempo perdido quando busca proferir uma ofensa a Clinton ou a algum opositor, o republicano parte para uma fala que carrega os sentimentos mais irracionais do ser humano; sempre refletindo no que muitos querem falar, mas, por falta de voz, representação ou coragem, nunca o fazem. Tal situação explica o porquê nunca veremos seu eleitorado discordar ou condenar suas falas. Eles sentem o mesmo que Trump e observam nele a possibilidade de se expressar como faziam no período em que o politicamente correto não "arruinava" a liberdade de expressão de um republicano médio.

Não importa, todavia, se Hillary tiver melhores propostas, maior nível de argumentação ou de conhecimento sobre o funcionamento institucional norte-americano, seu opositor não necessitará apresentar propostas complexas, somente propostas simples que atinjam mais os sentimentos reprimidos dos republicanos ao invés de serem viáveis ou não. O que um democrata levará para transmitir em cinco parágrafos, Trump conseguirá transmitir em somente quatro palavras: "MakeAmericaGreatAgain". Seu slogan de campanha será melhor aprofundado no momento em que a questão do discurso utilizado por ele adentrar a discussão. No momento, cabe analisar o perfil de seu eleitorado.

Clássicos *red-necks* (termo pejorativo dado aos interioranos do centro-sul dos Estados Unidos), conservadores extremistas, de baixa escolaridade, racistas, entre outros; são exemplos de adjetivos básicos utilizados para definir aquele que opta por votar em Trump. É extremamente natural que o primeiro perfil construído por qualquer pessoa para definir os seguidores do candidato republicano seja esse. A conexão inicial que o

público em geral faz é de que, para votar no empresário, o indivíduo deve ser pior do que o próprio candidato. Infelizmente, todo o quadro é bem mais complicado que isso. Atualmente, o mesmo consegue atrair indivíduos que escapam à regra totalmente: escolarizados, de alta renda, imigrantes e jovens. A massa que o segue não é formada totalmente de indivíduos menos escolarizados, basta compreender o motivo pelo qual os eleitores que fogem do padrão apoiam o mesmo e acabam, finalmente, por adotar umdiscurso ignorante semelhante.

> Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de maneira tão diversa nos indivíduos, é removida, enfraquecida e o fundamento inconsciente, semelhante em todos eles, se torna visível (...) As qualidades aparentemente novas que ele então mostra são justamente as manifestações desse inconsciente, que, afinal contém tudo que há de malvado na alma humana; o desaparecimento da consciência moral ou do sentimento de responsabilidade nessas circunstâncias não oferece qualquer dificuldade para nossa compreensão (FREUD, 2013, p.43-44).

Não é necessário, portanto, que a ignorância intelectual seja uma aliada na união de um indivíduo à atual "massa trumpiana", basta somente que o medo social e o constrangimento sofrido pelo indivíduo quando deseja se manifestar à um público seja quebrado; e Trump consegue quebrar facilmente esse sentimento que paira sobre uma grande parcela de americanos. Contudo, no momento em que o indivíduo adentra essa massa, todo e qualquer senso crítico desaparece e os sentimentos simplistas, imediatos e agressivos vem à tona. Tal transformação explica o motivo pelo qual o republicano consegue infringir elevado controle sobre essa parcela, independentemente dos argumentos nulos ou incompreensível que ele acabe por utilizar (FREUD, 2013, p. 50).

Os valores conservadores, correspondentes aos ideais que unem essa massa, claramente, compõe uma característica crucial no eleitorado de Trump. Primeiramente, torna-se necessário enumerar quais seriam esses valores conservadores norte-americanos. O principal baseia-se na liberdade doméstica e na propagação e preservação da mesma externamente. O segundo baseia-se na preservação das tradições e da ordem dentro da sociedade norte-americana. Acreditam também em um sistema baseado na governança das leis acima da governança do homem. Finalmente, o último ponto seria acreditar na

existência de um Deus, refletindo na adesão de conceitos religiosos como justiça, virtude, caridade, comunidade e dever, por exemplo (REGNERY, 2012). Sendo assim, pode-se dizer que o conservador zela pela conservação de tradições, de um aparato jurídico e, principalmente, no desenvolvimento lento da legislação e de costumes (KARNAL, 2017).Expondo seus pensamentos sempre quando tem a oportunidade, seus eleitores demonstram não aceitar o fato de que um país "fundado por brancos" seja governado por um negro; complementando com a conspiração de que Obama é um mulçumano. "Ninguém mais está olhando pelo cara branco", foram palavras exatas de um eleitor ao ser questionado do porque achava que o Governo de Obama fora tão ruim; apesar de, ironicamente, mais de 60% da população carcerária americana ser composta por negros e hispânicos atualmente. A situação é ainda mais complexa quando imigrantes apoiam a candidatura do mesmo, argumentando que, uma vez que adentraram o país de maneira legal, aqueles que o fizeram ilegalmente deveriam ser deportados e proibidos de retornar ao país já que não merecem gozar dos mesmos direitos dos primeiros; mesmo sendo claro que um imigrante ilegal nunca possui o mesmo direito de um imigrante legalizado ou de um nativo (LEE et al., 2016).

A violência também caracteriza fortemente esse eleitorado, uma vez que é isso que a massa espera de seu líder (FREUD, 2013, p. 51). Os comícios de Trump quase sempre possuem um episódio de agressão verbal ou física por parte de republicanos contra ativistas, reverberando em manchetes em diversos veículos de comunicação. O curioso é analisar como essa agressão se inicia: o ativista levanta, pacificamente, a bandeira que fora defender no comício (contra o racismo ou islamofobia, por exemplo); um grupo de pessoas próximas ao ativista o identificam na multidão; sinalizam a atitude de protesto; o líder republicano dá um pronunciamento reprimindo a atitude e, depois que o primeiro republicano toca fisicamente ou inicia ataques verbais, o segundo, terceiro e os seguintes repetem a ação do primeiro. E, assim, ocorre o processo de indução recíproca que torna seus eleitores cada vez mais agressivos, unidos e perigosos. Eles adquirem a compulsão de imitar o outro, situação que perpetua ainda mais a formação de uma massa. Os indivíduos se sentem capazes de agredir um protestante através dos sentimentos de invencibilidade e de poder. Estreitam ainda mais seus laços de

identificação, já que, além de ideias em comum, adquirem valores e uma afeição pelo próximo que possui as mesmas características e que o protege do "outro". A questão mais espantosa de seus eleitores é que não correspondem a uma simples multidão, mas sim a uma massa estreitamente unida, forte e que detêm grandes chances de perpetuar-se mesmo depois de uma possível derrota do republicano, uma vez que somente necessitarão de uma sugestão para manter esse contágio (FREUD, 2013, p. 61-63).

Não somente a figura do líder e a união de seus membros, o cenário doméstico e externo norte-americano acabam por contribuir fortemente para o alvorecer de Donald Trump. Seja um fato verídico ou infundado, pouco importa para seus eleitores, o importante é demonstrar como os Estados Unidos está completamente destruído graças à um democrata. Claramente, o fator que mais incomoda a população majoritariamente conservadora é o latente desaparecimento da classe média americana. Seja por meio da ascensão social ou pelo empobrecimento maciço, a classe média, considerada o "core" de eleições anteriores, continua a diminuir e, consequentemente, aumenta a crise do sentimento de representação da população. A construção atual de uma futura sociedade norte-americana composta por uma população extremamente rica ou extremamente pobre eleva a insegurança, o medo e a incapacidade dos partidos de dialogar com o eleitorado; uma vez que, a capacidade de dialogar ao mesmo tempo com duas classes tão diferentes, é ineficaz em ambos os partidos (MASON, 2015).

Distante em parâmetros temporais, porém extremamente próxima em suas análises, Hannah Arendt especificou em 1951 todo o processo de colapso das classes, dos partidos e da ascensão dos movimentos totalitários em Estados europeus; e como esperado, o cenário é bem semelhante:

> O colapso do sistema de classes significou automaticamente o colapso do sistema partidário, porque os partidos, cuja função era representar interesses, não mais podiam representa-los, uma vez que a sua fonte e origem eram as classes. (...) Consequentemente, os partidos tornaram-se mais e mais psicológicos e ideológicos em sua propaganda, e mais apologéticos e nostálgicos em sua orientação política. (...) Assim, o primeiro sintoma do colapso do sistema partidário continental não foi a deserção dos antigos membros do partido, mas o insucesso em recrutar membros dentre a geração mais jovem e a perda de consentimento e apoio silencioso das massas desorganizadas, que subitamente deixavam de lado sua apatia e marchavam

> para onde vissem oportunidade de expressar sua violenta oposição (ARENDT, 2013, p. 444-445).

O colapso partidário abordado por Hannah Arendt corresponde, nesse caso, somente ao colapso do partido republicano, pelo motivo de a crise identitária partir da parcela republicana; curiosamente, já é possível observar uma crise representativa, principalmente na parcela democrata jovem em relação à Clinton. Fica claro o descontentamento de líderes republicanos com a nomeação de Donald Trump no momento em que seu comportamento reflete um distanciamento nítido de uma seriedade comportamental conservadora que se espera de um republicano; ressaltando a evidência de que o partido está rachado no momento em que membros do mesmo declaram abertamente apoio à Hillary. O declínio de republicanos como Cruz, Bush, Carson e Rubio nessas eleições se explica na incapacidade de perceberem a crise identitária republicana, a maneira como dialogar um eleitorado frustrado e, assim, recrutar a parcela indecisa ou neutra; quesitos nos quais Trump atuou com maestria.

O cenário doméstico americano não possui, contudo, o fator da forte depressão econômica que assolava a Alemanha no período posterior a primeira guerra. O fator econômico se apresenta como uma justificativa para uma ode à Trump ao invés de um catalisador para tal; já que a economia americana não está totalmente desestruturada, apesar de o republicano insistir que esteja. Um estudo realizado pela Gallup, uma empresa norte-americana de pesquisa estatística e de opinião, formulou um banco de dados a partir das entrevistas concedidas por 70.000 eleitores do republicano desde o início da corrida eleitoral, levando em conta características econômicas, políticas, sociais e opinativas de cada indivíduo; para obter uma melhor compreensão do real catalisador no processo de ascensão do candidato. A compilação de dados apresentou que a taxa de desemprego global real corresponde a 3,2% para aqueles que veem o candidato favoravelmente contra 3,9% para aqueles que não o fazem; enquanto a porcentagem de adultos com menos de 65 anos que estão fora da força de trabalho seria de 20%, tanto para aqueles que o apoiam e não apoiam. Os dados concluem que a parcela que obtêm uma opinião favorável sobre o candidato são ligeiramente mais propensos a serem empregados e proporcionalmente fora da população economicamente

ativa do que aqueles que o desaprovam, desmitificando o fato de que somente questões de cunho econômico explicam sua ascensão (ROTHWELL, 2016).

Ao passo que o argumento econômico perde força, o fator social apresenta-se como um ponto crucial. Dentre seus eleitores, 73% não possuem ensino superior, sendo maior que aqueles que o desaprovam e não possuem ensino superior (correspondente a 65%). Outro dado curioso e que poderia dar mais força a justificativa de fatores econômicos seria de que mais de 50% de seus eleitores estão propensos a pertencerem a classe trabalhadora e terem ocupado empregos manuais (manutenção, reparo, construção, dentre outros). Todavia, o que há de mais curioso é que, quando ocuparam tais empregos, essa ampla maioria acabou por entrar em contato com a competição de trabalho de imigrantes ou de trabalhadores estrangeiros, demonstrando que, apesar de a competição econômica estar presente, o contato com imigrantes em seus postos de trabalhos acaba por criar uma aversão inicial aos mesmos pela acentuação de diferenças culturais; uma vez que tal aversão não seria tão intensa se fossem confrontados com uma competição interna, por exemplo (ROTHWELL, 2016).

Ainda utilizando o banco de dados da Gallup, pode-se evidenciar que características culturais e sociais são capazes de constituir o perfil médio da base de seu eleitorado: branco, homem, acima de 40 anos, sem ensino superior, cristão e heterossexual. Dentre os que correspondem a esse perfil, 65% são a favor do candidato, evidenciando que características conservadoras ainda são fortemente louváveis em seu eleitorado. Contudo, se levarmos em conta fatores geográficos nessa análise, conclui-se que aqueles que vivem em distritos nos quais há elevada exposição ao trabalho imigrante, a produção e a importação de produtos estrangeiros e próximos a fronteira com o México, acabam por não ser tão favoráveis as políticas anti-imigração do candidato. A parcela do eleitorado que vive em áreas distantes da fronteira e com uma exposição baixa ao trabalho imigrante apresentam-se, consequentemente, a favor de tais políticas (ROTHWELL, 2016). Contraditória de início, tal informação encontra explicação justamente na baixa exposição ao diferente. O distanciamento e o desconhecimento em relação ao outro acabam por contribuir para a construção da narrativa do inimigo

externo, demonstrando que o medo do desconhecido impera na argumentação eleitoral de Trump.

A política externa de Barack Obama também fora motivo de descontentamento tanto na parcela de eleitores democratas quanto na de republicanos. Suas contradições na atuação norte-americana no cenário internacional podem ser exemplificadas com a retirada das tropas do Afeganistão (o que desagradou uma parcela republicana) ao mesmo tempo em que intensificou a utilização de drones no Oriente Médio (o que desagradou mais os democratas do que os republicanos); e uma perda de imponência da imagem hegemônica dos Estados Unidos, já que Obama praticamente se omitiu frente a problemática da Rússia na Criméia e optou por se afastar de Israel, aliado histórico, quando efetuou o acordo com o Irã (comportamento que despertou o desprezo total da maioria republicana). Já era de se esperar, todavia, que o próximo candidato à presidência fosse priorizar uma fala mais ideológica, extremista e nostálgica frente a atual situação norte-americana, como explicado no trecho citado.

Tais catalisadores quando somados a falta de representatividade da parcela conservadora, que sempre se sentira representada em governos anteriores, ser confrontada com a figura de um presidente negro que trabalhou em cima da quebra de diversos tabus e paradigmas norte-americanos, contribuem para uma composição mais precisa do cenário macro que explica a incógnita Trump. Seja com o acordo nuclear com o Irã, a aproximação com Cuba, a retirada das tropas do Afeganistão, o apoio aberto ao casamento gay, uma maior preocupação no tratamento de diferentes minorias ou com o "Obamacare", o governo democrata de oito anos desagradou a muitos republicanos, uma vez que acabou por rivalizar com ideais conservadores, como o conceito de família e até mesmo o de meritocracia. A percepção geral da maioria republicana é de que o status quo, no qual eram ouvidos e onde a meritocracia (fator que pauta a linha do pensamento econômico e social dessa parcela), não existe mais, sendo substituído por outro mais injusto: marcado pela ascensão de privilégios para minorias que "cortam a fila" da meritocracia, fazendo-o com o total aval da administração de

Obama (PLUMER, B., 2016).Tal percepção origina, finalmente, o sentimento geral da parcela republicana: o "ressentimento racial".

Muito se debate sobre a importância desse ressentimento na origem de movimentos extremistas em diversos Estados. Enquanto uma corrente defende o fator da ansiedade econômica como crucial para a origem desses movimentos, um maior número de adeptos aponta que o "ressentimento" de um grupo frente a outro sempre desempenhou um papel crucial em movimentos extremistas na história. No início da Segunda Guerra Mundial, a Lituânia viveu dois grandes choques: em 1940, quando fora invadida e conquistada pela União Soviética; e em junho de 1941, quando invadida e conquistada pelos nazistas. Na cidade de Kaunas, a invasão nazista desencadeou uma onda espontâneade ataques, por parte do próprio povo de Kaunas, contra residentes judeus (que ganharam uma quantidade incomum de poder na invasão soviética). Antes da invasão nazista, a cidade obtinha uma reputação de tolerância, sendo chamada de "paraíso judaico". Contudo, cerca de 3.800 judeus foram assassinados em apenas quatro dias, pelos seus conterrâneos não-judeus. A situação inversa ocorreu na capital de Vilnius: a cidade nunca fora totalmente amigável com sua parcela judaica, porém, sua população não a exterminou como ocorreu em Kaunas; pelo contrário, a população ajudou a esconder e a proteger os judeus que ali viviam. De fato, o que pode explicar o extermínio judeu, aparentemente aleatório, na cidade mais tolerante, e o efeito reverso na cidade menos tolerante?

Roger Petersen, um cientista político do MIT e autor da obra "UnderstandingEthnicViolence", apresenta que o ressentimento ancestral de um grupo a outro não é capaz de explicar, totalmente, o confronto entre eles. O sentimento de injustiça por parte de uma parcela, anteriormente privilegiada dentro de uma sociedade, ao ser removida da posição que antes obtinha, abrange melhor a problemática apresentada. O caso curioso da Lituânia encontra explicação no momento em que Kaunas, anteriormente sem a presença privilegiada dos judeus na hierarquia social, desenvolveu um forte ressentimento na população local ao observar sua posição privilegiada ser "roubada" por outro grupo; já que, um grupo anteriormente dominante,

nunca desistirá de sua posição de dominância que uma vez obtivera. A teoria de Petersen pode ser aplicada a situação política norte-americana quando levado em consideração que o número da população hispânica, nascida nos EUA, quadruplicou entre 1940 e 2008. O voto hispânico passou a ser determinante em subsequentes eleições, sendo melhor aproveitado pelos democratas que possuem políticas de inclusão mais claras e atrativas para essa parcela de eleitores. A perda do status-quo da elite republicana branca se materializou, consequentemente, na eleição de Obama, dando início ao ressentimento racial dos republicanos; que encontraram em Trump uma possibilidade de resgatar seu antigo status social. (BEAUCHAMP, 2016)

A argumentação de que a Crise de 2008 representou o início desse ressentimento perde, finalmente, sua força, já que dados demonstram que esse sentimento somente declinou no mesmo ano. Além do mais, em 2007, entrevistados não consideravam que a ansiedade econômica estava fortemente ligada ao ressentimento racial, e curiosamente, os mesmos entrevistados afirmaram em 2012 que o mesmo sentimento estava, de fato, estritamente conectado a Crise de 2008; evidenciando a utilização do argumento econômico como justificativa para o ressentimento racial.Até mesmo o caso do Brexit, quando analisado a fundo, falha ao tentar estabelecer relações concretas entre os votos à favor e a ansiedade econômica, ao passo que obtêm sucesso em demonstrar causalidade entre os votos à favor e o ressentimento racial: nas regiões com estagnação econômica e baixos salários os votos, inesperadamente, foram contra, ao passo que nas regiões mais ricas o voto à favor ganhou; e, enquanto a maioria negra (73%) e asiática (67%) votaram contra, a maioria branca votou à favor da saída da União Europeia (BEAUCHAMP, 2016).Quando tais dados são somados a desinformação em relação ao argumento econômico pela parcela que votou favoravelmente(uma vez que fora registrado pelo Google um pico de pesquisas referente a “o que é o Brexit?” e “o que acontece se deixarmos a União Europeia?” no dia seguinte as votações), demonstram que a motivação inicial não fora de preservação da economia local, mas sim de preservação tanto da cultura quanto do modo de vida europeu; ambos ameaçados pelos imigrantes (WALTON, 2016).

Curiosamente, o Reino Unido também repreendeu o ressentimento racial desde 1964, quando uma pesquisa nacional averiguou que mais de 80% da população acreditava que um demasiado número de imigrantes adentrava o Estado; claramente, tais sentimentos ainda compõe o pensamento da população mais idosa, uma vez que em torno de 60% da mesma votou à favor da saída. Todo esse processo se assemelha mais ainda com a ascensão de Trump quando comparamos a figura do republicano com a do principal líder do Brexit, Nigel Farage, pertencente ao Partido de Independência do Reino Unido: ambos defendem medidas de contenção imigratória, se utilizam do discurso econômico para validar tais medidas, apelam para a preservação de tradições e da cultura de suas nações e possuem à sua disposição a possibilidade de se aproveitar e de explorar o ressentimento racial histórico em seus Estados. (BEAUCHAMP, 2016)

A combinação de um eleitorado frustrado e facilmente manipulável com um cenário interno e externo duvidoso, não caminhariam naturalmente em direção à Donald Trump se não fosse pela combinação de sua campanha com a habilidade discursiva utilizada por ele. Sua campanha eleitoral se resume a uma estratégia: desafiar a tudo e a todos. Desde que iniciou sua corrida eleitoral, o mesmo já enalteceu ideias extremamente absurdas e incoerentes, como a construção de um muro ao longo da fronteira com o México. Tais promessas eleitorais, em uma visão racional e fria, são pautadas no irreal, sendo impossíveis de serem concretizadas. Até mesmo quando questionado sobre como construirá o muro, o republicano somente responde que, simplesmente, os mexicanos que pagarão pelo muro. A essência da campanha de Trump pode parecer uma piada, contudo é extremamente poderosa e inteligente por abordar os desejos reprimidos e impossíveis de serem realizados pelos republicanos. Sua campanha brinca, alimenta e testa os limites do elemento mais poderoso da psique humana: a sugestão ao inconsciente (o "id"). É por meio do elemento da sugestão que um indivíduo consegue adquirir uma personalidade totalmente oposta à que uma vez possuía. Como evidenciado por Freud, o ser humano é claramente guiado por uma "tendência" ao longo de sua vida em sociedade, felizmente o indivíduo sempre visa não corresponder a mesma. A "sugestão", consequentemente, corresponde ao catalisador dessa "tendência" (FREUD, 2013, p. 70-71).

As ideias de Trump, suas "sugestões", são capazes de reduzir a dúvida sentida por grande parte do eleitorado pelo simples fato de atenderem ao inconsciente. Por essa parcela da psique humana ser regida pelo princípio de prioridade ao prazer, as ideias eleitorais do republicano não precisam possuir coesão alguma, já que "(...) a sugestão, que tudo explicava, pudesse ela mesma escapar as explicações. " (FREUD, 2013, p. 72). Nem mesmo ele nem seus eleitores acreditam que o muro será construído, o que realmente importa é que o "id" dos últimos acate a essa ideia (sugestão). Seu eleitorado fez total questão de permitir, naturalmente, que o inconsciente se sobrepusesse ao "superego" (a parcela psíquica que censura os comportamentos humanos primitivos) e guiasse o ego (a personalidade que de fato se manifesta).

Ao optar por transmitir ideias que necessitam dialogar primeiramente com o subconsciente de indivíduos, Donald Trump opta, logicamente, pela argumentação mais simplista e direta. Sem delongas ou explicações: se necessita desqualificar outros candidatos não recorrerá a argumentos fortes que reduzam a competência do oponente, somente irá soltar um comentário misógino ou referente a vida pessoal do indivíduo. Diversos ataques à Hillary Clinton possuem como base desqualificá-la pelo fato de ser uma mulher concorrendo à presidência dos Estados Unidos e de possuir uma relação conturbada com Bill Clinton. Em suas redes sociais o republicano já chegou a afirmar que "se ela não consegue satisfazer seu marido na cama, como irá satisfazer o país?", e que a mesma não poderia acusá-lo de ser machista já que "seu marido é o maior abusador de mulheres na história política dos EUA" (COHEN, 2016). As falas chocantes de Donald Trump são justificáveis, segundo uma eleitora, pelo fato de que o teor atual do cenário mundial permite que tais sentimentos sejam transmitidos para terceiros. (OLSON, 2016) Tudo de desrespeitoso ou incomum que o republicano pronunciar será "perdoado" pelos seus eleitores, já que no fundo eles também possuem o mesmo desejo de repetir tais falas.

Como observado, as réplicas e tréplicas de Trump nos debates republicanos sempre fogem do real tema racional da discussão e partem para o campo da irracionalidade humana, quase como qualquer eleitor comum faria em uma discussão política. Não são

economizadas repetições. O republicano sempre utiliza o bordão "eu já disse isso antes" para enfatizar a sua capacidade de diálogo próximo com seus eleitores; nunca deixando que esqueçam de alguma fala importante em seus discursos anteriores, conseguindo esbanjar autenticidade e firmeza para seus eleitores em seus pronunciamentos. Não possui medo de repercussões ou retaliações, aparentando ser destemido como qualquer bom líder deve ser. Além disso, a comunicação com seu eleitor é direta e clara, como se o candidato falasse informalmente com terceiros, gerando mais confiabilidade do que em outros candidatos republicanos e democratas (LIBERATORE, 2016).

Das treze palavras preferidas de Trump em seus discuros a primeira corresponde a "eu", seguida por "eles" e, em quarto, "Trump". Dentre as suas palavras preferidas oito possuem somente uma sílaba, três possuem duas sílabas e a única com três sílabas seria "México". Políticos de carreira utilizam palavras compridas, enquanto o republicano, inteligentemente, utiliza palavras curtas, de fácil compreensão e carregadas de significados fortes no subconsciente de seu eleitorado; capazes de serem compreendidas por "indivíduos acima da quarta-série" (THINK PROGRESS, 2015). Motivo pelo qual, dentro de seu eleitorado diverso, há a presença de crianças, jovens e adultos e até idosos, sejam eles escolarizados ou não: o candidato consegue dialogar com todos ao mesmo tempo; ao passo que a média mínima de educação escolar para compreender o que Hillary ou Bernie Sanders falam deve ser superior a sétima série, para a democrata, e superior a décima série para o senador.

Ao observar somente as duas primeiras palavras preferidas podemos observar a forte construção do discurso do inimigo, correspondente à narrativa de "nós" (representado pela palavra "eu", na qual pode-se incluir seu eleitorado) contra "eles". Dentre as condições necessárias para fortalecer e dar continuidade à formação de uma massa, é crucial "(...) que a massa se relacione com outras formações de massa semelhantes a ela, mas diferentes em muitos pontos; por exemplo, que rivalize com elas." (FREUD, 2013, p.66). Pelo fato de Trump sempre se portar como uma figura imponente e desafiadora, poderá eleger como inimigo quem for formidável para alavancar sua campanha, podendo corresponder aos mexicanos, mulçumanos ou aos democratas, representados

por Hillary; o importante é que o ódio sentido por sua massa seja direcionado sempre a figura de um inimigo, unindo ainda mais essa massa. Pouco importa quem for o alvo escolhido, a realidade é que a figura de liderança forte do republicano, dos "inimigos" e das problemáticas que assolam o país (imigração, Estado Islâmico, entre outros) sempre serão construídas e reiteradas em todos os seus discursos de maneira eficaz.

"MakeAmericaGreatAgain" é uma das melhores frases eleitorais já criadas para uma campanha presidencial norte-americana pelo simples fato de dizer absolutamente nada, ao mesmo tempo em que diz tudo. É um slogan claramente e intencionalmente nostálgico, motivado pela razão de o ser humano sempre julgar o presente e o futuro, abraçando o passado distante; ignorando seus defeitos e exaltando ou simplesmente inventando novas qualidades. Indivíduos que foram expostos a narrativas do passado, desde sua infância por familiares, sempre optarão por abraçar essa fantasia da qual nunca viveram, já que é mais reconfortante e fácil de lidar se comparada com a incerteza dos tempos atuais e dos que estão por vir; tal situação não seria diferente em relação aos republicanos norte-americanos, consequentemente. Trump compreende que, para mergulhar seus eleitores em sua narrativa distorcida dos fatos, o mesmo deve remeter tudo ao passado glorioso e republicano dos Estados Unidos, execrando os momentos atuais e futuros que podem vir com outro democrata no poder; mesmo que esse passado tenha sido extremamente mais próximo de uma ilusão do que de uma realidade

Em sua campanha, finalmente, não importam que as propostas sejam apresentadas a seus eleitores. Ninguém irá em um comício de Trump para ouvir suas reais propostas em relação aos impostos, por exemplo. Tudo que desejam ouvir é simples: menos impostos. Como? Pouco importa. Se analisarmos as posições do republicano em relação a temas cruciais de sua campanha como imigração, aborto, terrorismo, controle de armamentos e doações privadas às campanhas políticas, ficará nítido que as mudanças repentinas em seus posicionamentos demonstram que a importância depositada por ele e por sua equipe não está na coerência de suas posições, mas sim em atrair seu público alvo (TIMM, 2016).

Seja por meio de suas falas polêmicas e cômicas ou por seu posicionamento desafiador frente ao seu próprio partido, sua campanha busca destacar-se todos os dias nas primeiras páginas de veículos de comunicação digitais, impressos e televisivos. Aparecer, para o republicano e seus eleitores, significa "ser"; e parece que a grande mídia ainda não compreendeu que, quanto mais se focam nele, mais alavancam sua autodeterminação frente ao seu público em potencial. O que mais poderia explicar um garoto de 11 anos de idade defender as falas do republicano ao argumentar que "(..) algumas palavras ruins saindo da boca de Donald Trump são bem melhores do que pessoas sendo explodidas por terroristas (...)", (OLSON, 2016) se não a clara exposição e tentativa da mídia de desqualificar o candidato.? A cada tentativa de desqualificação, o candidato demonstra para seu eleitorado que ele não é incoerente ou despreparado, mas sim que a mídia o persegue por ele representar uma possibilidade de mudança na sociedade norte-americana. Outro grave catalisador criado pela própria mídia americana corresponde a total condenação ao modo de vida mais conservador de um republicano. Cada momento em que visa se referir a um eleitorado republicano, acabam por proferir o clássico termo *red-necks*, gerando máximo desconforto e evidenciando o desrespeito da mídia frente a essa parcela populacional; que acaba por se sentir cada vez mais excluída e desmerecida dentro de seu próprio território, e cada vez mais representada pelo mesmo candidato. (PLUMER, 2016)

As piadas transmitidas pelo republicano em seus comícios também não devem ser ignoradas ou tomadas como simples manifestações de humor pautado no politicamente incorreto. Para compreender a importância da utilização do humor em seus discursos políticos pode-se tomar como exemplo o recente caso de uma piada proferida à Clinton: "Hillary quer abolir, essencialmente abolir, a Segunda Emenda, (...) A propósito, e se ela conseguir escolher seus juízes, não tem nada que vocês possam fazer, pessoal. Embora o pessoal da Segunda Emenda talvez tenha, não sei. Mas vou dizer a vocês, esse será um dia horrível" (G1, 2016). A Segunda Emenda, citada por Trump, corresponde ao direito constitucional que garante a possibilidade de obter e portar armas no território dos Estados Unidos, sendo criticada por muitos e fonte de intenso debate na opinião pública atualmente. A "piada" do empresário deixa em aberto que, os únicos

que podem impedir que Hillary anule essa emenda, são aqueles que portam suas armas e podem atirar contra a candidata. Quando questionado frente o sentido da afirmação, o candidato disse somente se tratar de uma piada.

Para compreender o motivo pelo qual o humor do republicano é extremamente perigoso é necessário analisar a função social do humor nesse caso. Piadas sobre questões socialmente inaceitáveis não são apenas uma expressão de humor, as mesmas servem como um mecanismo capaz de normalizar a questão inaceitável; de contar as pessoas que concordam com você que, sim, tal questão pode ser expressada de maneira comum. O advogado norte-americano, especialista nesse assunto, Jason P. Steed, evidencia que essa é a justificativa pela qual proferir a frase "só foi uma piada" não é uma boa defesa frente piadas racistas, por exemplo. Ao contar a piada, o indivíduo está sinalizando que o racismo é uma coisa apropriada para expressar; “brincadeira" é apenas o que alguém diz para as pessoas que não apreciam ouvir o material racista (BEAUCHAMP, 2016). Trump utiliza o humor frente o seu público como um mecanismo libertador para aqueles que sentem que sua liberdade de expressão, confundida aqui com discurso de ódio, é censurada e não aceitável dentro da sociedade. O mesmo é capaz de transmitir a realização de atitudes violentas e sádicas frente uma grande quantidade de indivíduos que sempre reprimiram tais comportamentos através da convivência social. Em outras palavras, o candidato acabou de sinalizar em seu discurso que, atentar contra a vida de Hillary, uma opositora, é socialmente aceitável dentro da sociedade que deseja criar. De fato, a campanha de Trump é regida pela energia, não pelo conteúdo.

Seria possível, por fim, afirmar que o cenário internacional se encontra em um período no qual o papel das massas voltou a ser extremamente importante e definitivo nos processos de tomadas de decisão e de legitimação de poder de líderes ou governos? De fato, seríamos capazes de repetir os mesmos erros ao não observar o processo de formação dessas massas e o quão perigosas as mesmas podem vir a se tornar (como no período que antecedeu o surgimento do nazi-fascismo)? Infelizmente, não é possível responder ambas as perguntas com uma resposta dicotômica, “sim” ou “não”. A resposta mais sincera seria um “talvez”.

Apesar de ter sido extremamente mais conturbado do que o cenário atual, o período que antecede a Segunda Grande Guerra consegue ser extremamente similar em relação aos elementos que possibilitaram a ascensão do nazi-fascismo: o "discurso do outro", anteriormente os judeus e atualmente os imigrantes em massa (de maioria mulçumana); a economia instável, representada pelos efeitos sentidos graças à crise econômica internacional de 2007; uma Europa inconsistente, correspondente a crise do euro, a possibilidade de efetivação do Brexit, após as negociações com a União Europeia, e uma consequente desestabilização do bloco europeu; e, finalmente, um cenário geral de medo líquido, tendo o terrorismo como principal catalisador.

As massas continuarão se tornando cada vez mais participativas nos processos decisórios, sem mesmo que elas próprias percebam. O fator de realização do dever democrático, o voto, não representa a única maneira de uma massa legitimar um líder, já que, em suma, a massa estará disposta a desafiar preceitos democráticos para atingir seus objetivos; sejam elas manipuladas por terceiros ou não. A retirada de líderes eleitos democraticamente somente ocorrerá, portanto, com a atuação das massas nesse processo. O processo de impeachment brasileiro exemplifica bem a importância da atuação das massas, uma vez que, insatisfeitas com resultados eleitorais, iniciaram toda a movimentação para que a oposição política atuante obtivesse legitimidade e tranquilidade para dar continuidade a todo o processo.

Os processos iniciais de formação de massas, que podem vir a se tornar nocivas à terceiros, estão sim acontecendo, porém de maneiras e em velocidades diferentes em diversos Estados. O que de fato surpreende no caso de Trump é o surgimento de uma massa que visa o culto ao líder e a tudo que ele representa, sendo organizada e agressiva; enquanto que, no Reino Unido, a ideia de efetivação do Brexit era mais cultuada do que a figura de Nigel Farage, por exemplo. A grande parte de massas que ganharam notoriedade no pós-Segunda Guerra evitavam o culto à figura do líder: eram autônomas, movidas por ideais e, em sua grande maioria, desorganizadas. Podemos tomar como claros exemplos recentes as massas que se rebelaram contra governos ditatoriais na Primavera Árabe e as primeiras massas que bradaram o impeachment nas

ruas do Estado brasileiro. Ambas podem ter sido manipuladas em algum momento, terem perdido a organização na realização de seus objetivos e terem adotado alguns indivíduos dúbios como símbolos momentâneos quando necessário. Contudo, ambas nunca reconheceram um indivíduo como seu verdadeiro líder. Indivíduos que tentaram dominá-las acabaram sendo censurados por aqueles que já faziam parte da massa; talvez esse seja o motivo pelo qual as duas massas acabaram por se desorganizar, perder força, adesão de novos membros e a permanência de antigos.

Poder-se-ia argumentar que o caso de Putin na Rússia também corresponde a uma massa que cultua um líder. De fato, o caso russo também é curioso, mas se diferencia do norte-americano pelo motivo de o segundo tratar-se da mais poderosa democracia da atualidade. Controlar as massas em um território que possui uma organização governamental claramente ditatorial é extremamente mais simples. É possível manipular a realidade dentro do território, por meio do controle da mídia, e silenciar os grupos opositores. O culto ao líder nesse caso é mais fácil de se explicar e de se entender, se comparado aos Estados Unidos. Claramente, Donald Trump não possui os mesmos recursos governamentais para exercer um controle sobre as massas da mesma maneira que Putin e a mesma capacidade de formular um pensamento de governança estratégica e inteligente do qual o russo possui. O republicano simplesmente ecoa a insatisfação dos americanos que se sentiram silenciados durante o período de oito anos de um governo democrata. O republicano evidencia a maior falha dentro do mais poderoso Estado democrático e de diversos governos de Estados desenvolvidos e similares: a incapacidade de representação, de observância e de como lidar com a existência de diferentes grupos sociais que podem vir a se tornar massas perigosas e facilmente manipuláveis por um indivíduo ou grupos.

Destarte, o que deve preocupar a opinião pública norte-americana, seus partidos políticos e a comunidade internacional como um todo, não é se esse candidato saíra vitorioso ou derrotado dessas eleições, mas sim qual legado e impacto sua candidatura deixará frente aos seus seguidores e opositores. Há duas possibilidades ao final dessa eleição: que a massa "trumpiana" desapareça ou que perpetue por um período

considerável. Contudo, a mais provável de concretização talvez seja a primeira opção. Pelo fato de a figura do republicano ser extremamente carismática e forte frente aos seus eleitores, uma possível derrota e retirada de seu líder das primeiras páginas diárias de jornais norte-americanos, fragilizaria a manutenção da massa. A fraqueza desse tipo de formação é, justamente, o culto ao líder: "(...) com o fim da ligação ao líder, também acabam – em geral – as ligações recíprocas entre os indivíduos da massa." (FREUD, 2013, p. 87). Os membros dessa formação, como explicado ao longo desse artigo, não se agarram a uma ideia clara ou a objetivos concretos: os mesmos necessitam um líder para reacender e projetar sentimentos e ideias em comum.

Seja com Donald Trump, Nigel Farage ou Vladimir Putin, suas massas dependem de um impulso inicial e de continuidade através da liderança para que sobrevivam. A figura de um líder torna-se fundamental para a sobrevivência de uma formação de massa, uma vez seus componentes devem se sentir como iguais, identificáveis entre si, sendo governados por um único superior a todos ali presentes (FREUD, 2013, p. 128). Contudo, o reacender de sentimentos que movem a massa pode ser o suficiente para mantê-la viva, porém desorganizada. Mesmo com a saída de Farage como principal representante do movimento separatista, a opinião pública britânica tenta entender como e porque a parcela de voto favorável ainda demonstra força em manifestações e, o pior de tudo, uma fúria latente e hostilidade nas mesmas. Ainda pode ser demasiadamente cedo para tirar conclusões sobre o que ocorrerá, de fato, com a massa favorável ao Brexit. Todavia, a força atual da mesmademonstra que a possibilidade de continuidade do movimento seja possível, mesmo que sem seu antigo líder. Deve se esperar que o eleitorado de Trump, consequentemente, se desorganize e, acima de tudo, que o partido republicano perceba o quão perigoso e nocivo é reacender e dar continuidade ao ressentimento racial da parcela branca que compõe grande maioria no eleitorado republicano. Caso esse ressentimento encontre voz em um novo líder político ou força em uma massa desorganizada, novamente, tempos sombrios serão moldados pela forte onda das massas no cenário internacional.

Referências Bibliográficas

ARENDT, H (2012),*Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo.* São Paulo, Companhia das Letras.

FREUD, S (2013),*Psicologia das Massas e Análise do Eu.* Rio de Janeiro, L&PM.

EAUCHAMP, Z.(2016), 'Anyone who thinks Trump was "just joking" about shooting Clinton is missing the point'. http://www.vox.com/2016/8/9/12417100/donald-trump-assassinate-hillary-clinton-joke>Acessoem 16/08/2016.

BEAUCHAMP, Z. (2016),'White riot: How racism and immigration gave us Trump, Brexit, and a whole new kind of politics'. http://www.vox.com/2016/9/19/12933072/far-right-white-riot-trump-brexit.Acesso em 19/09/2016.

BERENSON, T. (2016), 'The 5 Essential Elements of a Donald Trump Stump Speech.'http://time.com/4178881/donald-trump-campaign-speeches/.Acessoem 15/08/2016.

BIOGRHAPHY (2016), 'Donald Trump Biography'http://www.biography.com/people/donald-trump-9511238#synopsis.Acessoem 16/08/2017.

COHEN, C. (2016), 'Donald Trump sexism tracker: Every offensive comment in one place'. http://www.telegraph.co.uk/women/politics/donald-trump-sexism-tracker-every-offensive-comment-in-one-place/, Acesso em 12/08/2017.

COLLINSON, S. (2016),'Donald Trump's strange campaign gets stranger'. http://edition.cnn.com/2016/08/03/politics/donald-trump-paul-ryan-john-mccain-election-2016/index.html.Acessoem 12/08/2017.

GASS, N. (2016). 'My dad gave me a 'small loan' of a million dollars'. http://www.politico.com/story/2015/10/donald-trump-father-loan-1-million-dollars-215154. Acesso em 7/08/2016.

KARNAL, L. (2017),'O que é ser conservador?'http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-e-ser-conservador,70001674170, Acesso em 22/02/2017.

LIBERATORE, S. (2016),'Is Donald Trump's 'broken speech' the key to his success? Linguists say strange patterns may make him more 'authentic, relatable and trustworthy'. http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-3495577/Is-Donald-Trump-s-broken-speech-key-success-Linguists-say-strange-patterns-make-authentic-relatable-trustworthy.html. Acesso em 12/08/2016.

MASON, P. (2016),'The strange case of America's disappearing middle class.'https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/dec/14/the-strange-case-of-americas-disappearing-middle-class> Acesso em 7/08/2016.

MCADAMS, D. (2016), 'The Mind Of Donald Trump.'http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2016/06/the-mind-of-donald-trump/480771/.Acessoem 16/08/2016.

MCCOMARCK, A. (2016),'The Donald rising: how the US media boosted Trump's campaign.'http://www.abc.net.au/triplej/programs/hack/how-the-media-boosted-donald-trump/7521328. Acessoem 5/08/2016.

MJ, L. et al. (2016),'Why I´m Voting For Trump.'http://edition.cnn.com/2016/01/27/politics/donald-trump-voters-2016-election/index.html. Acesso em 16/08/2016.

PLUMER, B. (2016), 'What a liberal sociologist learned from spending 5 years in Trump's America.http://www.vox.com/2016/9/6/12803636/arlie-hochschild-strangers-land-louisiana-trump. Acesso em 06/09/2016.

REGNERY, A. (2017), 'The Pillars of Modern American Conservatism.'https://home.isi.org/pillars-modern-american-conservatism.Acesso em 22/02/2017.

ROTHWELL, J. (2016), 'Economic Hardship and Favorable Views of Trump.'http://www.gallup.com/opinion/polling-matters/193898/economic-hardship-favorable-views-trump.aspx. Acesso em 5/09/2016

THE DATA TEAM (2016),'Where Donald Trump's support really comes from.' http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/04/daily-chart-14. Acesso em 16/08/2016.

THINK PROGRESS (2016),'What Language Experts Find So Strange About Donald Trump'.https://thinkprogress.org/what-language-experts-find-so-strange-about-donald-trump-2f067c20156e#.h71gd1f00> Acesso em 9/08/2016.

TIMM, J. (2016). 'A Full List of Donald Trump's Rapidly Changing Policy Positions.'http://www.nbcnews.com/politics/2016-election/full-list-donald-trump-s-rapidly-changing-policy-positions-n547801.Acessoem 11/08/2016.

TOPHER, C. (2016),'See If You Can Guess What Grade Level This Professional Analysis Gives To A Trump Speech'. http://all-len-all.com/see-if-you-can-guess-what-grade-level-this-professional-analysis-gives-to-a-trump-speech/. Acesso em 9/08/2016.

WALTON, M. (2016), 'Many UK voters didn't understand Brexit, Google searches suggest.'http://arstechnica.com/tech-policy/2016/06/brexit-google-search-trends-tech/. Acesso em 20/08/2016.